

Perspectivas para o futuro do Direito

IX GIUGNO MDCCCLXXXIX
A BRUNO
IL SECOLO DA LUI DIVINATO
DOVE IL ROGO ARSE

(Dizeres da placa em homenagem a Giordano Bruno, Campo dei Fiori, Roma)

"What's is a name? That which we call a rose by any other name would smell as sweet." (William Sheakespeare)

Nunca foi fácil prever o futuro; pelo menos para quem não tem premonições - ou nelas não acredita -, muito menos manipula os dados por interesses econômicos 'ou pessoais. Agora, porém; em tempos sombrios de perene crise, a *complexidade* não permite_senão um arremedo de mirada para o futuro. Como diziam as avós: "o futuro a Deus pertence!" Nada, impede, porém, fazer-se algumas observações daquilo que se apresenta como indícios.

O problema do mundo segue sendo o de sempre: *a questão da verdade!* E gente segue morrendo por ele, em que pese os *avanços do conhecimento*. Afinal, séculos e séculos de conquistas não foram suficientes para fazer ver aos povos que o *desejo é fruto do limite*, dado que se deseja o que se não tem. E que é ele que move o mundo iluminando com a razão as trevas da ignorância.

Não é tão simples, porém, o *fiat lux*. Afinal, a escuridão não é resultado tão só de um *não saber* e sim também de um *outro saber*. Portanto, não se trata de uma simples batalha, como se fora uma catequização; e sim 'uma perene *superação de um saber equivocado, mas resistente*; e nele o bastião mais difícil de se lidar: o do *lugar da verdade*.

Giordano Bruno não foi o único mártir de uma tal cruzada contra a ignorância; mas talvez tenha sido o mais significativo. Queimado vivo (pela ignorância ou pelo resultado dela feito interesse e poder?) no Campo, dei, Fiori, em Roma ("dove il rogo arse"), sobrevive em bronze, *mortinho da silva*. Melhor ele, impoluto na sua túnica longa, com o pé para frente como que esmagando a todos e sua ignorância, ou Galileu, *vivinho da silva*, após abjurar? *Veritas est...?*

Um pouco da História da Filosofia não faz mal a ninguém e, portanto, não se é permitido ignorar o busílis da questão, aparentemente tão simples: o sol gira em tomo da terra ou a terra gira em tomo do sol? Pois até Copérnico (e não se esquecer de computar os gregos; e alemães também para alguns menos avisados de hoje em dia!), como se sabe, era o *sol que girava em tomo da terra*, ou melhor, até muito depois (Giordano Bruno que o diga!) para, de repente, sobre a escuridão se fazer luz e ninguém mais duvidar que *a verdade* é justamente o contrário. E Bruno lá, *mortinho da silva*, por não ter abjurado aquilo que a mais inofensiva criança sustenta hoje sem *qualquer* dúvida.

Eis que se coloca, portanto, a questão do *rompimento*.

Foi-se a um ponto, hoje, no qual *a linguagem deixou de ser intermediária para ser protagonista* e, assim, *constitutiva*. E *não tanto por ter sido em vão o esforço de se dar conta dos objetos* mas porque *a Verdade que se pretendia* (ou se pensava ser possível) *nunca apareceu*. Ou melhor, ela sempre veio *incompleta, em parte* (ou partes) e, portanto, como se fosse uma meiaverdade. Mas esta (uma *meia-verdade*) pode ser considerada *a Verdade?*

Aqui, a questão não é tão difícil: *a verdade é a verdade; e a meia-verdade é a meia-verdade*. Logo, não se trata de saber se um relógio é um relógio (está-se de acordo sobre tal objeto, ou pelo menos se pensa assim), mas de ser impossível saber *todas as respostas sobre de*. E isto porque serão *sempre-meias-respostas*; como se fossem *meios-relógios*; ou apenas *partes-de-um-relógio*. E *meios-relógios* não são os relógios. Em suma, não se demorou muito para perceber que *se não tem linguagem para dar conta dos objetos; e que eles só podem ser na medida em que se constituem linguisticamente*; e ainda que possam conservar algumas de suas características como, por exemplo, lembrou Shakespeare na frase supracitada (e que pode confundir): mesmo que você dê à rosa outro nome ela continuará com seu perfume (tudo isso imaginando ser ela mesma e não uma sua *representação*).

Vive-se, então, neste ambiente de *parcialidade* e, portanto, a *felicidade* só se pode *conquistar* aprendendo-se a *gozar*, embora, *não tudo*. Afinal, é necessário ter amanhã para se fazer o que se não fez hoje, diriam os otimistas; e assim com o *futuro*. Veja-se.

Os próximos tempos (seria em 200 anos?) reserva a todos a *transferência da matéria*. Como no velho seriado "A

Feiticeira", pode ser que em um simples "mexer" com a ponta do nariz alguém "desapareça" de onde estiver e "apareça" em outro lugar. *Nesse tempo, nada - ou quase nada - do Direito atual faria sentido, começando por intimidade, privacidade, propriedade, criminalidade e assim por diante.* Mas se poderia pensar em perder o *sentido a própria vida*; e a partir dela tudo o mais, a começar pela *linguagem*. Afinal - e apesar dos habermasianos e outros -, fala-se porque se vive e não se vive porque se fala (e aqui pouco se tem para duvidar de Dussel). *Ser e tempo* terão (ou teriam) outra dimensão, quem sabe aquela na qual *tudo estará dado*, ou seja, ter-se-á um *puro controle, com pleno domínio*.

Difícil, não obstante, é a *relação do futuro com as "coisas" imateriais*, a começar pelo *inconsciente*. Membro da *estrutura psíquica*, dele sabe-se pouco. Tem-se a *crença*, porém, de ser *constituído como linguagem* (Lacan) e, assim, interferindo no discurso, ajuda a projetar espaços de escuridão naquilo que se toma como verdadeiro.

Nesse *campo* muito se tem para evoluir porque ai se concentra boa parte do sofrimento humano; mas *a evolução esbarra nos homens e seus melindres*, tudo fruto da sua mais visível *diferença*. *É falso que cobra não come cobra!* Por isso, vai-se dois passos adiante e, não raro, voltam-se três. Por trás, *as verdades de cada um; sempre elas!*

Nesse *campo*, também, a *genética* pode representar o avanço (ou a solução?), mas nada se fez de consistente até o momento. O *homem* segue sendo uma máquina que *dribla a ciência a cada momento inexplicável*. Logo, tem-se muito para andar.

Um balanço não é simples, como se vê. Em boa escala segue-se com o axioma das avós e, portanto, que "o futuro a Deus pertence!" O homem, porém - e com ele o Direito - seguirá na batalha pelo *conhecimento*, das coisas e de si mesmo, sempre *no seu tempo*. O que se pode esperar (e *agir* para tanto porque não basta tão só observar e eventualmente se *revoltar*; v., p. ex., Stéphane Hessel) é que tudo seja dentro de um espaço que já se sabe há muito: o da *dignidade humana!*

Aqui, não é o *futuro* que atropela a todos; são todos que atropelam o *futuro*. Giordano Bruno nunca mais!

Jacinto Nelson de M. Coutinho.

Advogado. Professor Titular de Direito Processual Penal na Faculdade de Direito da UFPR. Presidente a Comissão de Defesa da Advocacia Criminal da OAB/PR. Membro da Comissão Externa de Juristas do Senado Federal que elaborou o anteprojeto de CPP, hoje Projeto nº 156/2009-PLS.